

Sobre as formas de resistir ao coronavírus e ao vírus do autoritarismo

Azemar dos Santos Soares Júnior

02

“Em tempos de quarentena, nas sacadas, nos sobrados, nós estamos amontoados e sós”. Com essas palavras, a cantora Adriana Calcanhoto descreveu que “O que temos” são janelas. O disco, lançado em 29 de maio de 2020, canta a experiência da solidão provocada pela quarentena em decorrência da propagação da covid-19. Em tempos de quarentena, visitar as sacadas, ou aparecer nas janelas, tornou-se a forma mais comum de sair à rua, de visitar os vizinhos, ou mesmo fazer as transmissões ao vivo usando os aplicativos de comunicação à disposição no celular. O imperativo “estamos amontoados e sós” fala do contato possibilitado pelo uso das redes sociais que nos permite espiar aquilo que é permitido pelas pessoas, através de suas postagens, assegurando um amontoado de manchetes sobre o cotidiano de quem vive a quarentena.

Adriana Calcanhoto fala da janela enquanto espaço de resistência, enquanto lugar de protesto, púlpito servido para revelar a indignação das pessoas ao receberem as notícias de que a “questão do coronavírus é uma fantasia”. A música revela um cotidiano fechado, enquadrado, quadriculado e amontoadado por notícias do aumento do número de mortes, da preocupação com a economia brasileira que é sobreposta à vida, e do alastramento de um vírus que corre feito rastilho de pólvora. Notícias que chocam, fazendo com que, das sacadas, das janelas, as pessoas batam painéis. Resistam.

Falar sobre a história de uma doença, a covid-19, a partir das formas de resistências, seria, num primeiro momento, pensar sobre o combate à doença, sobre a guerra travada contra um vírus mortal. No caso do Brasil, seguir as medidas bélicas de enfrentamento à pande-

mia tornou-se uma forma de resistência política, sobretudo, num momento em que o Presidente da República não defende as práticas sanitárias estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde. Adotar o isolamento social, higienizar as mãos com álcool, dar maior atenção à limpeza dos alimentos e demais produtos trazidos para dentro das residências, cuidar dos idosos e usar máscaras tornaram-se formas de resistência contra a propagação do vírus. Ir às varandas das residências bater painéis, fazer publicações em redes sociais, postar memes ou mesmo proferir discursos nas lives, contra as falas do Presidente da República, efetivaram-se como modelos de resistência àquele que defende que a economia precisa estar acima da vida.

Assim, essa minha fala é fruto de meu olhar pela janela. Rápido como um banho de sol cotidiano em tempos de quarentena, da varanda. A “sós” espio os discursos que foram construídos e sobre eles bato painéis. Metáfora de quem se apropria daquilo que foi dito na tentativa de resistir ao coronavírus e ao vírus do autoritarismo.

Faz pouco mais de cinco meses que o Brasil foi atacado pelo vírus e pelas artimanhas da crueldade a destruir corpos e vidas. Nas primeiras semanas, os casos eram números e notícias da televisão, distantes. Pouco tempo depois, os mortos por covid-19 tornaram-se nomes conhecidos, pessoas próximas e em alguns casos, membros da família. Os depoimentos políticos do chefe maior do Executivo brasileiro desconsideravam a desorganização provocada pela epidemia. Um exemplo disso, foi a visita feita por Jair Bolsonaro ao presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Na ocasião, ao tomar o púlpito, afirmou que “[...] obviamente-

te no momento temos uma crise, uma pequena crise, ou no meu entender muito mais fantasia, a questão do coronavírus que não é isso tudo que a grande mídia propala ou propaga pelo mundo todo” (JORNAL NACIONAL, 29 abr. 2020. Grifos meus). Sua ordem do discurso visava minimizar os danos provocados pelo vírus no mundo, afirmando ser a doença uma fantasia, criação da mídia para prejudicar a economia. Um dia após esse discurso, em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde decretou que o mundo enfrentava uma pandemia, ou seja, a doença já havia se espalhado pelos cinco continentes do planeta. Já no Brasil, ao ser questionado sobre o anúncio da pandemia pela OMS, Jair Bolsonaro respondeu: “[...] eu não acho, eu não sou médico. Eu não sou infectologista. O que eu ouvi até o momento é que outras gripes mataram mais do que essa” (JORNAL NACIONAL, 29 abr. 2020). Seu discurso revela desconhecimento sobre um assunto da ordem do dia, sobre o tema mais discutido a nível mundial, ou mais que isso, revela uma forma irônica de demonstrar desconhecimento por um assunto que considera irrelevante. Por fim, deixou claro que a “questão do coronavírus” deveria ser um problema dos médicos, profissional que ele não era.

Os discursos do Presidente da República do Brasil adotaram um tom de irrelevância sobre a epidemia. Quando tocou no assunto, foi com a intenção de defender o retorno das atividades econômicas, a reabertura do comércio e a adoção de uma quarentena vertical, em que apenas as pessoas pertencentes ao chamado grupo de risco deveriam ser isoladas. Nesse modelo de quarentena, crianças e jovens, bem como pessoas entre vinte e cinquenta anos de

idade, voltariam às atividades normais; que se tomando os devidos cuidados, não seriam infectadas e, por sua vez, não transmitiriam o vírus. O problema é que nem sempre é possível adotar determinados cuidados em lugares fechados e com grandes aglomerações. Alguns países que tentaram adotar a quarentena vertical acabaram por viver uma segunda onda de infecção por coronavírus. Esse assunto tornou-se o principal ponto de discordância entre Jair Bolsonaro e seu ministro da saúde, o médico Luiz Henrique Mandetta, culminando com sua demissão em 16 de abril de 2020. As divergências entre os dois tornaram-se públicas por defenderem estratégias diferentes para conter a velocidade do contágio da covid-19. Além da modalidade de quarentena, a recomendação do uso da Cloroquina acentuou o conflito. Foram vários os vídeos feitos pelo presidente segurando em suas mãos as caixas desse medicamento e anunciando à população a “cura” para a covid-19. Na contramão, o ministro da saúde pedia cautela, pois a droga não possuía comprovação científica de sua eficácia. Por fim, o “casamento”, como costuma chamar sua relação com seus ministros, ficou mais abalado pelos sentimentos de ciúmes e de inveja: o Ministério da Saúde passou a obter mais de 70% da aprovação popular, enquanto a gestão de Jair Bolsonaro despencava. O protagonismo assumido pelo Ministério da Saúde fez o presidente demitir Luiz Henrique Mandetta, provavelmente amedrontado por criar dentro de sua gestão um líder político capaz de se tornar um possível adversário nas urnas eletrônicas. Os discursos e as práticas políticas de Jair Bolsonaro seguiram congruentes com sua meta de governo: servir a uma extrema direita que se caracteriza pela “pulsão antissistema, a

manipulação grosseira dos sistemas antidemocráticos, o nacionalismo excludente, a xenofobia, o racismo, a apologia do Estado de exceção secundário, o ataque à investigação científica, à liberdade de expressão, à estigmatização dos adversários concebidos como inimigos, o discurso de ódio, o uso das redes sociais para comunicação política em menosprezo dos veículos e mídias convencionais. Defende em geral o Estado mínimo, mas é pródiga nos orçamentos militares e forças de segurança” (SANTOS, 2020, p. 25).

Filho dileto dessa extrema-direita, o governo Jair Bolsonaro adotou um modelo de tática como princípio de recrutamento popular para realizar a sua defesa. Esses indivíduos têm por norma obedecer e acreditar naquilo que é dito pelo seu chefe e, assim, lutar pelo sonho de uma sociedade perfeita, em que, no imaginário de um governo de extrema-direita, o coronavírus é uma fantasia, ou mesmo uma arma biológica produzida para destruir economicamente seus concorrentes, que uma sociedade só é justa se for pautada na lógica capitalista atendendo aos grandes empresários e retirando os direitos trabalhistas. Nessa toada, tocava-se o berrante para reunir seu gado. Metáfora construída e difundida nas redes sociais para descrever as manifestações nas ruas, de homens e mulheres que, como militares e possivelmente donos de “porte atlético”, não seriam contaminados pelo coronavírus.

Tendo a tática discursiva como parte de seu projeto de governo e necessária para manter um vínculo direto com seus apoiadores, em 15 de março de 2020, o presidente participou de uma manifestação na Capital Federal, contrariando as recomendações de isolamento so-

cial. No dia seguinte, justificou sua ação sobre a alegação de que “[...] existe o perigo, mas está havendo um superdimensionamento nessa questão. Nós não podemos parar a economia. E eu tenho que dar o exemplo em todos os momentos. E fui, realmente, apertei a mão de muita gente em frente ao Palácio da Presidência da República pra demonstrar que estou com o povo” (JORNAL NACIONAL, 29 abr. 2020. Grifos meus). Nesse caso, entendo o “estou com o povo” como uma discurso direcionado a uma parcela da população que se mantém guiada pelas doutrinas políticas de um líder da extrema-direita. Os discursos do presidente funcionam como uma “doutrina [que] tende a difundir-se a indivíduos ligados por uma pertença recíproca”. Aqui, dou ênfase à ideia de grupos doutrinários, que são, no caso dos seguidores do presidente Jair Bolsonaro, indivíduos orientados por uma dada doutrina que lhes associa a certos tipos de enunciados e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros. Esses enunciados defendidos, de forma popular, com bandeiras levantadas, servem para uni-los entre si e diferenciá-los de todos os outros. Eis o perigo da adoção de uma certa doutrina que valoriza apenas aqueles que pensam e agem como iguais, pois se cria um discurso e uma prática excludente, propriamente fascista. Assim, os discursos do chefe do Poder Executivo não são desprovidos de intencionalidades, ao contrário, cada uma de suas expressões funcionam como um grande procedimento de sujeição, de alijamento, de sonoridades berrantes que servem para agregar seus defensores e dar-lhes ânimo.

Suas falas funcionavam como armas discursivas lançadas para todos os lados, ou melhor, em direção àqueles que discordavam e/ou

agiam contra sua vontade. No dia 17 de março de 2020, Jair Bolsonaro afirmou que “[...] esse vírus trouxe uma certa histeria, tem alguns governadores, no meu entender, eu posso até estar errado, mas estão tomando medidas que vão prejudicar em muito a nossa economia” (JORNAL NACIONAL, 29 abr. 2020). Na ordem tática de seu discurso, boa parte dos governadores dos estados que faziam parte de sua base de aliados durante a campanha eleitoral, abriram a porteira e rebelaram-se contra o presidente. Nesse discurso, Jair Bolsonaro fazia referência às ações de quarentena e fechamento do comércio, das escolas, universidades, indústrias, elementos considerados não fundamentais para o enfrentamento da covid-19. O conflito entre alguns governadores e o presidente da República já existia, especialmente com os gestores da região Nordeste. Com o advento da epidemia provocada pela chegada do coronavírus, o embate se acentuou, pois governadores e prefeitos aderiram às orientações da Organização Mundial da Saúde e do próprio Ministério da Saúde, e não às orientações bradadas pelo Presidente. Em fins do mês de março, Jair Bolsonaro chegou a afirmar que “[...] algumas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o encerramento do comércio e o confinamento em massa” (DW.COM, 21 abr. 2020).

No vai e vem de discursos exaltados, Jair Bolsonaro adotou em sua tática discursiva um bordão que acompanhou grande parte de seus pronunciamentos: “[...] depois de uma facada não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar não” (JORNAL NACIONAL, 29 abr. 2020). Acredito que a intenção de sua fala seja dupla: a primeira no sentido literal, de que em caso de

ser acometido, não teria sua vida ceifada pela covid-19; a segunda, ganha uma entonação política, de que as ações danosas da doença provocadas à economia não seriam capazes de abalar seu poder e o exercício de seu mandato. Para tanto, foi em rede nacional fazer um pronunciamento, em 24 de março de 2020. Acolhido por peneiras como forma de resistência a seu discurso, mais uma vez Jair Bolsonaro minimizou o coronavírus e focou parte do pronunciamento para falar de si, como modelo de corpo, de vida e de disciplina: “[...] pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho” (JORNAL NACIONAL, 29 abr. 2020).

Daí em diante, foram sucessivas falas do chefe de estado do Brasil em tom de ironia: quando o país registrou 299 mortes, em 2 de abril, na porta do Palácio da Alvorada, em conversa com apoiadores, alegou: “[...] ah, tá com medinho de pegar o vírus, ué? Ah tá de brincadeira. E o vírus é uma coisa que 60% vai ter ou 70. Não vai fugir disso. A tentativa é de atrasar a infecção para os hospitais poderem atender” (JORNAL NACIONAL, 29 abr. 2020); em 12 de abril, sob o índice de 1.223 mortes, alegou que “[...] quarenta dias depois parece que está começando a ir embora a questão do vírus” (JORNAL NACIONAL, 29 abr. 2020); em 18 de abril, quando se anotava 2.347 mortes, em tom de irritação, Jair Bolsonaro respondeu: “[...] ôh cara quem fala disso aí, eu não sou coveiro, não sou coveiro, tá?” (JORNAL NACIONAL, 29 abr. 2020); dez dias depois, quando se atingiu a marca de 5.017 mortes por covid-19, uma jornalista questionou o fato de o Brasil ter ultrapassado o número de

mortos da China, e o presidente respondeu: “[...] e daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre” (JORNAL NACIONAL, 29 abr. 2020). Com o passar dos dias, o número de óbitos no Brasil em decorrência da epidemia só aumentou, chegando ao mês de julho de 2020 com o quantitativo de 78 mil mortos. Em nenhum momento foi registrado um discurso de solidariedade às famílias das vítimas da covid-19, afinal de contas, no seu discurso, trata-se apenas de uma “gripezinha ou resfriadinho”.

Resistir, nos primeiros meses de 2020, ganhou um sentido duplo: aderir às formas de combater o vírus e de poder se manifestar sobre os discursos presidenciais que agridem a vida. Resistir tornou-se, sobretudo, não se submeter aos discípulos da morte, ou melhor, aos aliados do coronavírus que acreditam que, por possuírem “um porte de atleta”, podem sair às ruas e trabalhar como se nada estivesse acontecendo. Resistir, em tempos de quarentena, em que aqueles que podem estão em casa, fez surgir nas redes sociais a publicação de imagens mímicas de resistência. Torço para que a página dessa história vire e tenhamos um final feliz. Enquanto isso não acontece, o vírus continua invicto. Bolsonaro também. Infelizmente.

Referências

BRASIL. Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Institui as medidas de enfrentamento ao coronavírus. Diário Oficial da União, Brasília, 7 fev. 2020.

CORONAVÍRUS: a cronologia da doença no Brasil. Jornal Nacional, Rio de Janeiro, 29 abr. 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8520060/>. Acesso em: 31 mai. 2020.

OLIVETO, Marina. Covid-19 divide Brasil e opõe Bolsonaro e governadores. Dw.com, 21 abr. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/covid-19-divide-brasil-e-op%C3%B5e-bolsonaro-e-governadores/a-53198124>. Acesso em: 31 mai. 2020.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 2014.

_____. Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. Os anormais. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

_____. Ditos e escritos VII. Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A cruel pedagogia do vírus. Coimbra: Almedina, 2020.

SOARES JR., Azemar dos Santos. Histórias de resistência contra o coronavírus e o vírus do autoritarismo. In: BRAGA, Amanda; SÁ, Israel de. Por uma microfísica das resistências: Michel Foucault e as lutas antiautoritárias da contemporaneidade. Campinas: Pontes, 2020.